



Alejandro Arnutti

Catálogo

MAI/2026

mini bio

Alejandro Arnutti (1981), nascido em Artigas-Uruguai, vive e trabalha em Uruguaiana-RS. Desde a infância, realizava desenhos in loco da vida rural no campo onde cresceu e trabalhou ao lado da família até a juventude. Em seguida, dedicou-se à pintura e à escultura e iniciou viagens por recantos rurais do interior do RS, Uruguai e Argentina.

Sua produção aborda a cultura local e o cotidiano do trabalhador campestre e evidencia como essas estâncias familiares são decisivas para preservar a biodiversidade do bioma Pampa (o mais devastado do país), bem como a cultura e as tradições do RS, oriundas da miscigenação entre o índio Charrua e o

colonizador ibérico (também tema de sua pesquisa).

Possui obras em acervos públicos das Prefeituras de Uruguaiana/RS e Quaraí/RS, e das Câmaras de Vereadores de Uruguaiana/RS e Piracicaba/SP, além de coleções particulares na Espanha, Inglaterra, EUA, Alemanha, Uruguai, Argentina, Chile e Brasil. Foi premiado em salões e editais relevantes, como o “Encuentros del Arte Contemporáneo”, em Punta del Este/Uruguai, o prêmio “Trajetórias Culturais”, do Instituto Trocando Ideia (Porto Alegre/RS), e, em 2025, recebeu o Prêmio Aquisição no LXX Salão de Belas Artes de Piracicaba/SP.

statement

Nasci, cresci e ainda vivo no Pampa. Por vezes morei do lado uruguaio (desde a infância), e outras do lado brasileiro (radicado até hoje). Muito viajei por diferentes cidades do Uruguai, Argentina e Rio Grande do Sul. E por conhecer de perto quase toda a extensão territorial deste bioma foi que sempre me interessei pela sua cultura e suas rupturas históricas.

A mais de dez milênios os Charrua e outras etnias chegavam, vindos da Patagonia, para dominar essas terras, vivendo como nômades caçadores-coletores. A chegada do colonizador ibérico trouxe a estas terras o cavalo e o gado, que se procriaram livremente; e o Charrua se transformou em um exímio cavaleiro, com habilidades únicas, e da miscigenação deste com o colonizador surge o Gaúcho.

Os sesmeiros (grandes beneficiários de terras da Coroa portuguesa) foram gradualmente tomando posse das terras antes ocupadas apenas pelos indígenas. Mas encontraram a resistência principalmente dos Charrua, o único povo nativo da região a nunca ter aceitado essa “domesticação” religiosa, cultural e territorial do colonizador, e por consequência sucessivamente foram caçados e mortos. Como resposta eles praticavam os “malones”: ataques surpresa, bem orquestrados, com a finalidade de matar inimigos, roubar seu gado e suas esposas brancas, e tudo mais que conseguissem carregar.

Com o tempo e a implantação das cercas de arame farpado, que impediam a livre circulação no Pampa, os gaúchos, que antes tinham uma vida semelhante à do Charrua, se vem obrigados

a passar a trabalhar para os sesmeiros para assim continuar vivendo no campo, e com isso passam a ser chamados de “paisanos”.

Porém hoje os peões das estâncias isoladas nos interiores do Pampa são o último vestígio vivo de muitos costumes dos gaúchos e dos Charrua. São a essas localidades que eu busco visitar periodicamente para acompanhar, registrar e pintar seus ritos cotidianos, vividos longe da família e dos confortos urbanos. Essas propriedades também desempenham papel crucial na conservação da biodiversidade do Pampa, ao praticarem pecuária extensiva em campos nativos, modelo ecologicamente sustentável que, ao contrário de outros estados, não exige desmatamento nem amplia emissões de carbono.



Alejandro Arnutti

Entre a Tesoura e o Latido Amigo

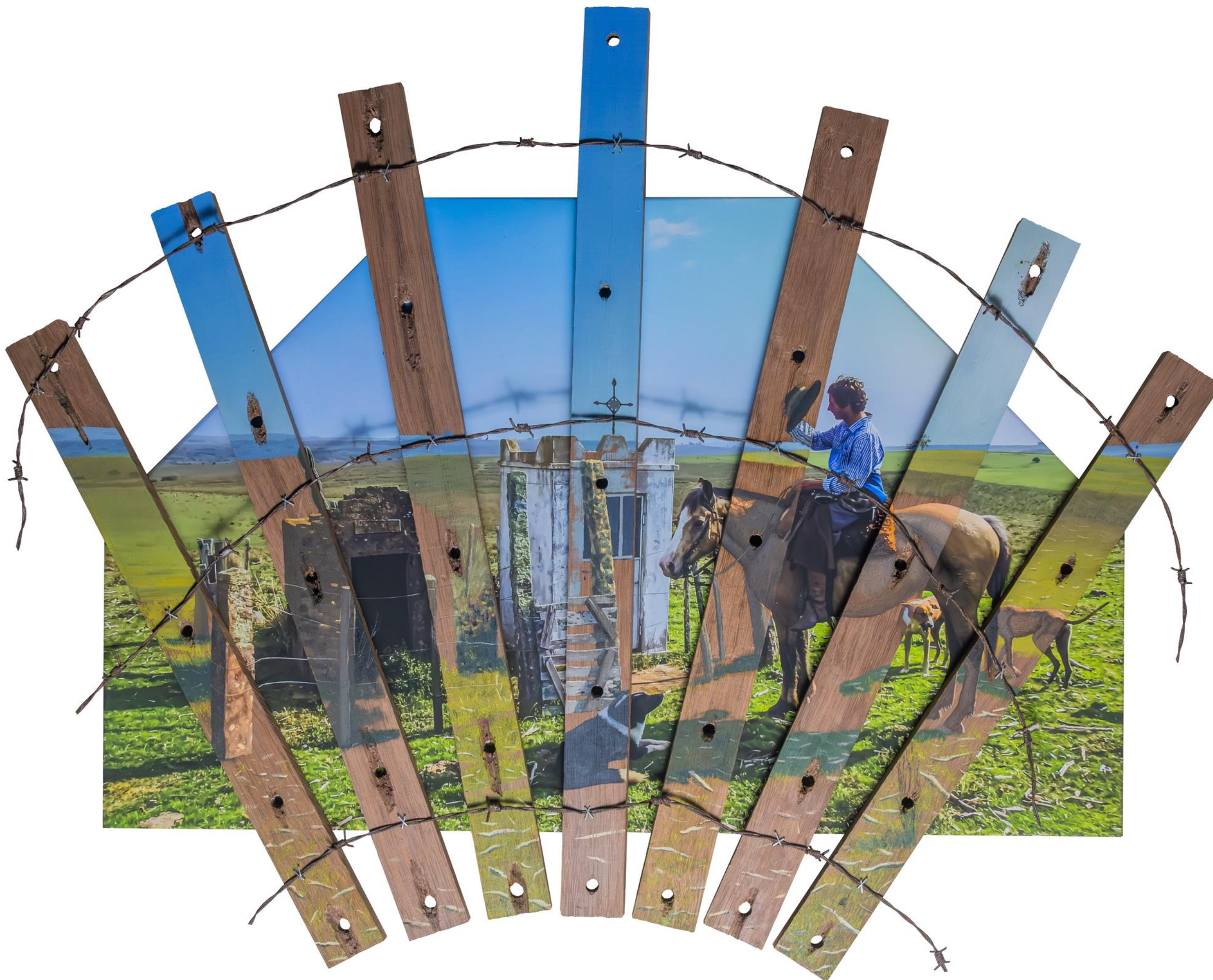
2026

[série *Os últimos gaúchos*]

Assemblagem: impressão em Fine Art sobre tela, pedaços de madeira parcialmente pintados com tinta a óleo e arame farpado.

65x82x4,5 cm

R\$ 9.500,00



Alejandro Arnutti

Romaria de Um Só Chapéu

2025

[série *Os últimos gaúchos*]

Assemblagem (impressão em Fine Art sobre tela, pedaços de madeira de cerca parcialmente pintados com tinta a óleo, arame farpado)

73x93x4,5 cm

R\$ 9.500,00



Alejandro Arnutti

Ofício na Mão, Causo na Boca

2025

[série *Os últimos gaúchos*]

Assemblagem (impressão em Fine Art sobre tela, pedaços de madeira de cerca parcialmente pintados com tinta a óleo, arame farpado)

67x85x4,5 cm

R\$ 9.000,00

Depoimento sobre a série “os últimos Gaúchos”

O advento das cercas de arame farpado no Pampa marca uma ruptura histórica. Antes, os Charrua e outras etnias ocupavam esse território há mais de dez milênios, como nômades caçadores-coletores. O gaúcho nasce da miscigenação entre estes com o colonizador ibérico, e por muito tempo leva modo de vida próximo ao dos Charrua. Com a chegada dos sesmeiros (grandes beneficiários de terras da Coroa portuguesa) e, depois, com a generalização das cercas de arame, consolida-se o extermínio dos Charrua, que recusavam a “domesticação” e os limites impostos, sendo gradualmente caçados e mortos; ao mesmo tempo, o gaúcho é convertido em funcionário das estâncias, rebatizado como “paisano”.

Os peões de estância são hoje o último vestígio vivo de muitos costumes dos gaúchos e dos Charrua. São a essas estâncias isoladas que Alejandro retorna para acompanhar, registrar e pintar seus ritos cotidianos, vividos longe da família e dos confortos urbanos. Essas propriedades também desempenham papel crucial na conservação da biodiversidade do Pampa, ao praticarem pecuária extensiva em campos nativos, modelo ecologicamente sustentável que, ao contrário de outras regiões, não exige desmatamento nem amplia emissões de carbono.

Ainda assim, o Pampa perdeu mais de 3,3 milhões de hectares de vegetação nativa apenas no RS, nos últimos quarenta anos. Cerca de 35% de sua área foi convertida em monoculturas, sobretudo soja e eucalipto. Hoje, é o bioma mais devastado do Brasil, com estimativas de desaparecimento por volta de 2043. Essas monoculturas reduzem, ou mesmo extinguem, espécies — como o gato-palheiro, felino mais ameaçado do mundo, restrito ao Pampa — e comprometem serviços ecossistêmicos essenciais, como o controle da erosão e a regulação do ciclo da água, diminuindo drasticamente a infiltração hídrica do solo.

Diante desse contexto, essa obra da série “os últimos Gaúchos” nasce do registro dessas estâncias ecologicamente sustentáveis, onde a agropecuária segue tradições locais que articulam produção, preservação do bioma e responsabilidade com as gerações futuras, resgatando o cotidiano de um ecossistema antes equilibrado.

Nas obras desta série a pintura a óleo sobre a madeira não recompõe integralmente a fotografia subjacente. A cerca de arame farpado é, aqui, símbolo de controle (decide o que passa ou não) e a pintura se insurge contra esse limite. Apenas fragmentos da imagem conseguem “ultrapassar” a barreira e chegar à frente da madeira, enquanto as cores e texturas do próprio poste permanecem visíveis e atuam como parte ativa da composição.

Depoimento sobre a obra “Um Charrua Ainda Vivo”

Elsó, retratado na obra, é um dos raros descendentes Charrua ainda vivos no sul do Brasil e um dos últimos com domínio parcial de sua língua — herança de um território que já lhes pertenceu em todo o Pampa.

O retrato transforma seu corpo em mundo: um território vivo onde história e memória se movem. No braço direito, a cavalaria imperial avança em espiral, deixando cercas que marcam a expropriação das terras indígenas. No abdômen, um “malón” irrompe — guerreiros deitados sobre os cavalos, lanças rente ao chão, em defesa do próprio chão.

A obra é emoldurada por arames farpados de antigas estâncias. Enferrujados pelo tempo, carregam a memória de um limite imposto: o que antes restringia a liberdade dos Charrua agora confina sua existência ao espaço da tela.



Alejandro Arnutti

um Charrua ainda vivo, 2025

[série *O que restou dos Charrua?*]

Assemblagem (óleo sobre tela e arame farpado), 130 x 90 cm

R\$ 7.000,00



Alejandro Arnutti
**A MAJESTOSA NATUREZA
VENHO SE EXIBIR OU SE
VINGAR?**

2025

[*série O que restou dos
Charrua?*]

Óleo sobre tela

90 x 150 cm

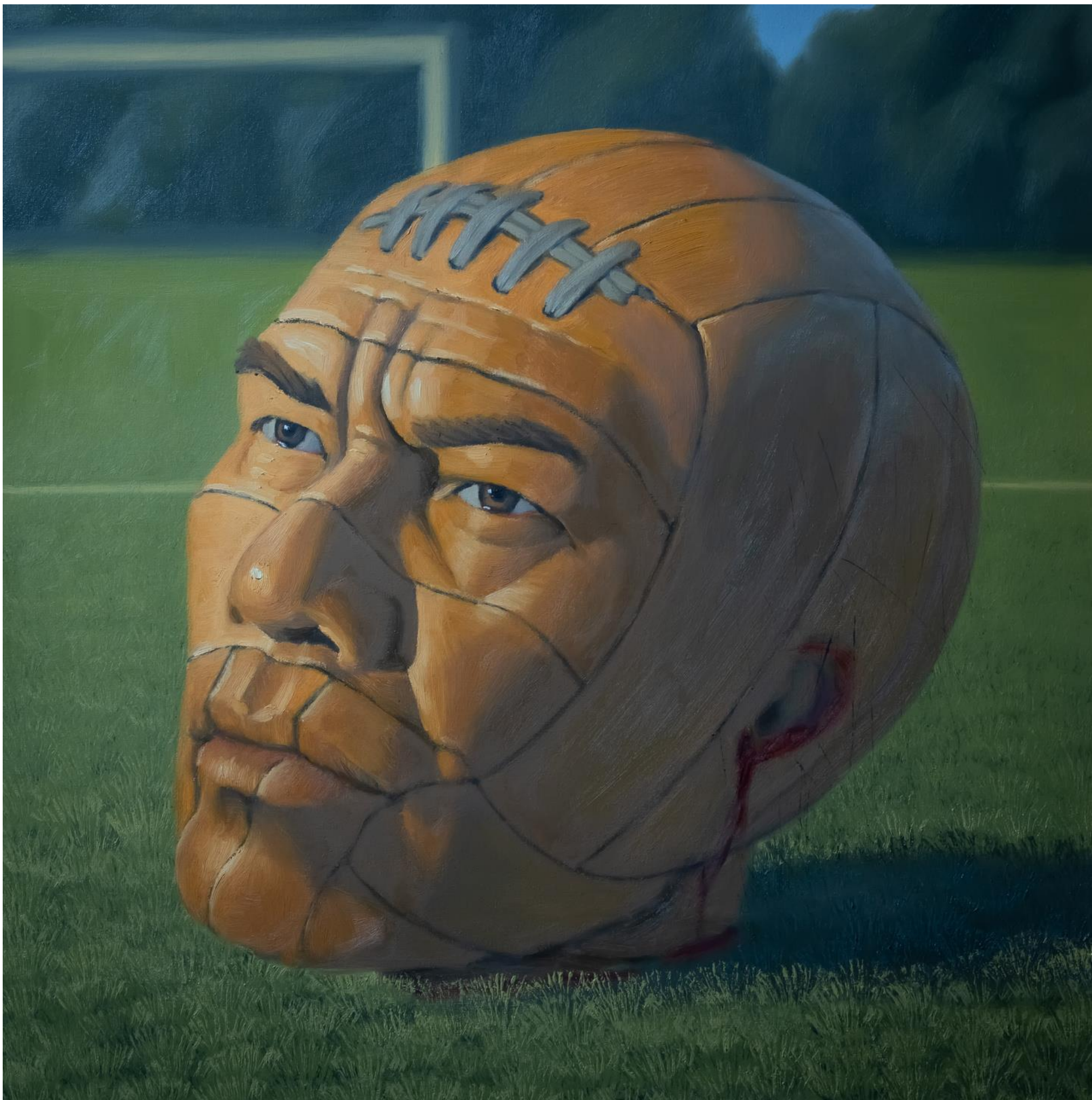
R\$ 8.400,00

Depoimento sobre a obra “A Majestosa Natureza Venho se Exibir ou se Vingar?”

Nos tempos da colonização os índios Charrua não ficavam inertes ao roubo de suas terras e a morte dos seus por parte dos colonizadores espanhóis e portugueses, e como vingança executavam os chamados “Malones”: ataques surpresa com o objetivo principal de matar seus inimigos, roubar seu gado e as mulheres brancas, assim como tudo o mais que pudessem carregar.

Esses ataques eram feitos a estâncias, vilarejos e cidades, e eram planejados explorando o efeito surpresa, e uma das formas de fazer isso era explorando a neblina das cerrações das manhãs de inverno onde cavalgavam deitados na lateral do cavalo de forma a esconder seu corpo dos colonizadores, e carregando suas lanças rente ao chão para não serem vistas. Assim eles faziam pensar aos colonizadores que se tratava apenas de uma manada de cavalos selvagens cavalgando livremente, até que, quando se aproximavam o suficiente, estes endereçavam para o ataque.

Por isso a cena representada na obra é a visão que o colonizador tinha da chegada do “malon”, e como não conseguia ver os índios nos cavalos, mas sim apenas uma belíssima cena proporcionada pela natureza, eles se perguntavam se aquilo era um presente ou um ataque, e de forma geral esta era a última visão que esses colonizadores tinham em vida: um ataque fantasiado de presente.



Depoimento sobre a obra “La Garra Charrua en el Masacre de Salsipuedes”

Adriano da Silva, retratado na obra, é cacique de uma das raras comunidades Charrua ainda presentes em Uruguai (RS). Sua figura aparece decapitada e com a orelha decepada — destino imposto a muitos de seus antepassados — e assume a forma de uma bola da Copa de 1930.

A imagem dialoga com o mito da “garra Charrua”, frequentemente evocada para explicar a força histórica do futebol uruguaio, país onde essa herança é celebrada, embora seus descendentes quase não existam mais. No início do século XIX, o governo uruguaio, sob Fructuoso Rivera, promoveu o extermínio desse povo no episódio conhecido como Massacre de Salsipuedes: uma emboscada que assassinou lideranças e escravizou sobreviventes.

Os poucos que escaparam fugiram para o Brasil e a Argentina, onde seguiram perseguidos. Muitos foram mortos por caçadores a serviço de estancieiros, que recebiam recompensas ao apresentar orelhas de Charrua como prova.

Alejandro Arnutti

LA GARRA CHARRUA DEL MASACRE DE SALSIPUEDES

2025

[série *O que restou dos Charrua?*]

Óleo sobre tela, 60 x 60 cm

R\$ 4.200,00

Depoimento sobre a obra “Recanto Solitário de um Capataz”

A cena retrata o cotidiano dos paisanos — capatazes e peões que vivem isolados, encontrando suas famílias apenas uma vez por mês. Resistindo à padronização da globalização, mantêm vivos os hábitos regionais. Seus descendentes, porém, já não aderem a essa vida, contribuindo para o gradual desaparecimento dessa cultura.

Os arames farpados que atravessam as obras simbolizam os limites impostos a esses homens. Já os orifícios alargados nos postes evidenciam o desgaste do tempo e do uso contínuo: de 1 cm, chegam a 4 cm, marcando a repetição dos gestos até o esgotamento da matéria.



Alejandro Arnutti

RECANTO SOLITÁRIO DE UM CAPATAZ, 2025

[série *A solidão da imensidão*]

Óleo sobre tela, 120 x 80 cm.

R\$ 7.000,00



Alejandro Arnutti

**QUARTO SOLITÁRIO DE UM PEÃO DE
ESTÂNCIA, 2025**

110 x 120 x 3 cm

Assemblagem (impressão em pigmento mineral sobre tela, ripas de madeira pintadas com tinta óleo, bolacha de tronco de árvore, óculos e dentadura).

Depoimento sobre a obra “Imagem Captada por Armadilha Fotográfica no Rincón de los Yaguari”

O “Rincón de los Yaguari” é uma estância localizada no município de Rivera, no Uruguai, onde são preservadas as tradições de manejo do gado na pastagem nativa do Pampa, preservando assim a biodiversidade deste bioma, além de preservarem tradições e costumes da cultura Gaúcha.

Alejandro Arnutti

**IMAGEM CAPTADA POR ARMADILHA FOTOGRÁFICA
NO RINCÓN DE LOS YAGUARI**

2024

óleo sobre tela, 50 x 50 cm

R\$ 3.500,00



Espelho do Açude

2020

[série *A Nação
Pampa*]

óleo sobre tela

125 x 125 cm

R\$ 8.750,00

... Eis que desponta entre nós, o pintor Alejandro Arnutti.

Em minha casa, ostento seu painel “Tropa estrada afora”. Ele encanta eventuais visitantes. Sente-se a poeira no ar e o galope dos potros, tal o perfeccionismo. É ele o pintor que nos faltava para nos reafirmar no plano pictórico. Em sua obra aflora essa magnífica identidade cultural que envolve e aproxima o gaúcho uruguaio e o gaúcho do pampa brasileiro, como realidades humanas indivisíveis. Digo, com tintas leves, que o Rio Grande é um Uruguai que fala português.

De sua arte, deixai-me que diga: seus cavalos nas aguadas, bebendo a luz do entardecer, são de atordoante beleza lírica. O rosto de nossos velhos gaúchos, onde o tempo traça as trilhas, retratando as melenas orvalhadas dos campeiros. São obras de sentir o vento pousando sobre o rosto e o tempo moldando feições contundentes, heroicas, cotidianas, emblemáticas.

Os cavalos, de variadas pelagens, por sua arte preciosista, sabem captar o retouço das crinas balanceadas pelo vento. E são antigas senhoras, apaziguadas pela ternura, que lhe põem no colo a branca, macia e inocente ternura das ovelhas. Borregos, mugindo entre as molduras das porteiras das velhas mangueiras. A tosa, o carnear, testemunhados com mão precisa e o dom mágico da revelação do real em sínteses absolutas.

E o que dizer das tropas de gado e cavalhadas! Elas levantam poeira e surpresa, num deslumbre inusitado. E alcançam vastidões de encantamento que somente um grande artista pode provocar. Seus laçadores nos enlaçam, e nos quedamos presos à graça dessas obras magníficas, oportunas e necessárias.

Estejamos com ele, nas expressões vivas de sua arte.

O Rio Grande ganhou um prêmio, recebeu o legado de um belo patrimônio artístico, foi agraciado com um reflexivo espelho, onde nossa alma se reflete. Sobre a obra de Alejandro Arnutti, podemos dizer que hoje o seu trabalho assegura a sua presença na galeria dos grandes pintores de nossa temática gaúcha. Foi uma honra inusitada adornar essa obra com textos de rodapé, modestos pedestais ao seu múltiplo trabalho criativo.

Em Alejandro Arnutti, temos o olhar perceptivo a captar a forma exata da composição. Uma visão do movimento apreendido em suas variantes no espaço e no tempo. Uma sensibilidade aguçada em relação às cores, onde o real e o imaginário correm de rédea solta pelos campos de sua arte. As variadas nuances do Pampa transbordam de seus pincéis.

Assim vejo.

Assim penso.

Assim sinto a obra de Alejandro Arnutti

Luiz Coronel

escritor

2022₁₆

currículo

Alejandro Arnutti

[Artigas/Uruguai, 1981 - Vive e trabalha em Uruguaiana/RS]

Exposições Individuais

- 2022 - "Estância da Arte" - Cur. Marciano Schmitz - EXPOINTER, Esteio/RS-Brasil
- 2018 - "Encantos dos Pampas" - EXPOINTER - Esteio/RS-Brasil
- 2018 - "Pampa Além Fronteiras" - Cur. Sergio Rojas - Memorial do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS-Brasil
- 2017 - "A Gênese do Pampa" - EXPOINTER - Esteio/RS-Brasil
- 2016 - "A Alma do Pampa" - EXPOINTER - Esteio/RS-Brasil
- 2016 - "El Gaucho del Pampa"- La Barra - Punta Del Este - Uruguai
- 2014 - "Recuerdos del Pampa" - ALARTE, Montevideú, Uruguai

Exposições Coletivas

- 2025 - LXX Salão de Belas Artes de Piracicaba/SP
- 2013 - Expo Punta Arte Internacional, Punta del Este/Uruguai
- 2013 - Mostra 100 x 100 Arte Ítalo-argentino, Salerno/Italia

Formação

- 2022 - Curso de fotografia documental com Tadeu Vilani e Guto Oliveira
- 2015 - Curso de escultura de figura humana com Alex Oliver - São Paulo/SP

Obras em Acervos Públicos

- 2025 - Acervo da Câmara de Vereadores de Piracicaba/SP
- 2024 - Acervo da Câmara de Vereadores de Uruguaiana/RS (Galeria de Ex-presidentes)
- 2023 - Acervo da Prefeitura Municipal de Quaraí/RS (Galeria de Ex-prefeitos)
- 2022 - Acervo da Prefeitura Municipal de Uruguaiana/RS (Galeria de Ex-prefeitos)
- 2015 - Acervo da Prefeitura Municipal de Uruguaiana/RS

Prêmios

- 2025 - "Prêmio Aquisitivo" LXX Salão de Belas Artes de Piracicaba/SP.
- 2021 - "Prêmio Trajetórias Culturais" - Instituto Trocando Ideia, Porto Alegre/RS, Brasil.
- 2013 - Primer Prêmio - "Encuentros del Arte Contemporáneo", Punta del Este/Uruguai.

Publicações Importantes

- 2023 - Entrevista no programa Jornal do Almoço da emissora RBSTV afiliada TV GLOBO
- 2022 - Comercial na emissora RBSTV, afiliada REDE GLOBO
- 2022 - "Espaço Cultural leva Arte Campeira a Expointer" - Jornal O Sul
- 2018 - Jornal "Zero Hora", Porto Alegre/RS - Brasil
- 2018 - "Arte" da RBSTV (afiliada TV GLOBO e no Globo Play)



Alejandro Arnutti

alejandroarnutti1@gmail.com

+55 (55) 99918-9712

@alejandroarnutti

www.alejandroarnutti.com